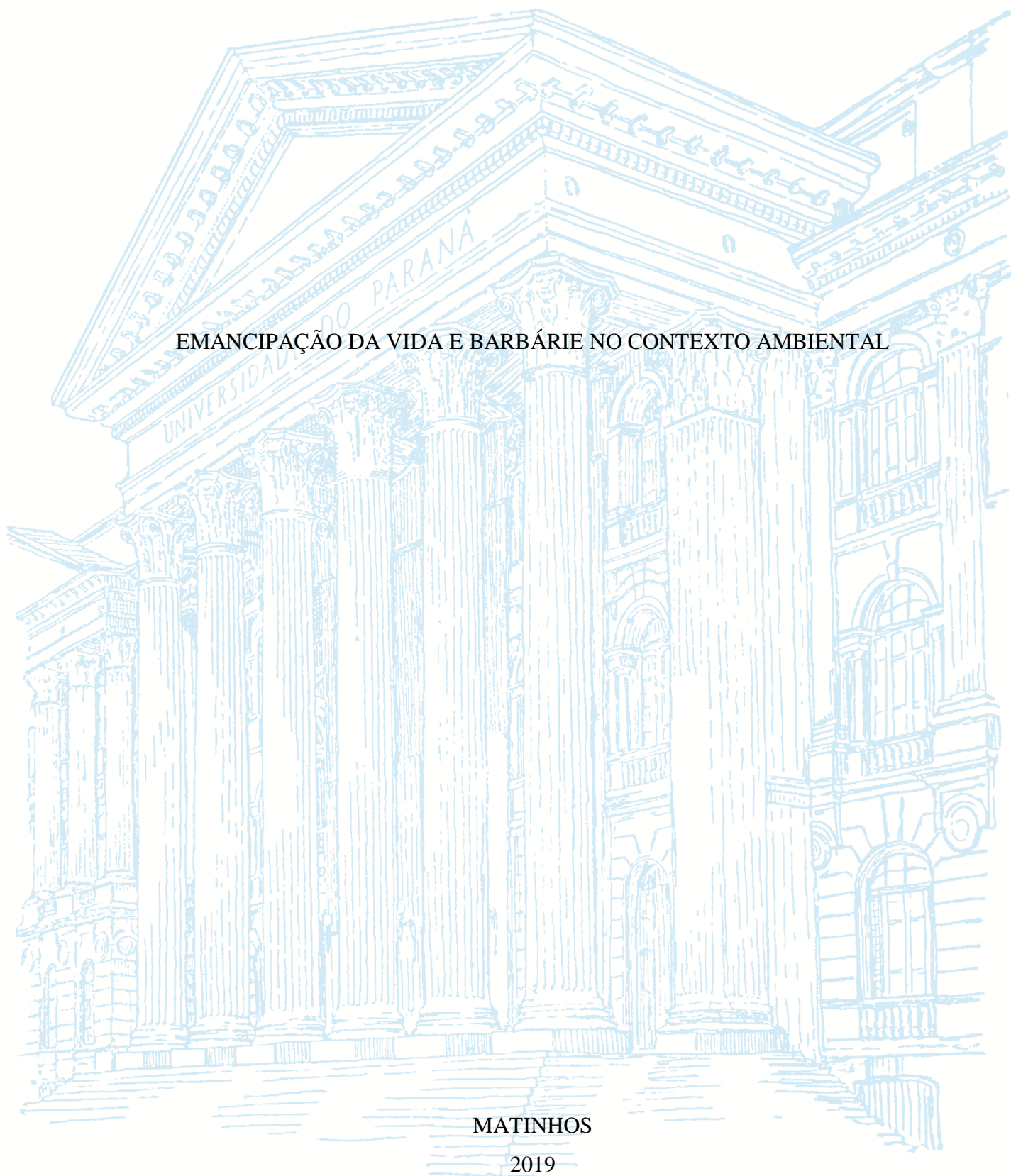


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

FERNANDA OLIVEIRA CAMPIOLO

EMANCIPAÇÃO DA VIDA E BARBÁRIE NO CONTEXTO AMBIENTAL



MATINHOS

2019

FERNANDA OLIVEIRA CAMPIOLO

EMANCIPAÇÃO DA VIDA E BARBÁRIE NO CONTEXTO AMBIENTAL

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Gestão Ambiental, na Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral.

Orientador: Prof. Dr. Ernesto Jacob Keim.

MATINHOS

2019

ATA DE AVALIAÇÃO DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos vinte e dois dias do mês de novembro de dois mil e dezenove, às dez horas, no Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, reuniu-se a banca avaliadora do trabalho de conclusão de curso, constituída pelos professores Gleison Vieira e Luiz Fernando de Carli Lautert, sob a presidência do Orientador professor Ernesto Jacob Keim. O Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Gestão Ambiental, da aluna **Fernanda Oliveira Campiolo** sob o título: **“Emancipação da vida e barbárie no contexto ambiental”**, obteve o conceito APL. A aluna deverá efetuar as correções solicitadas pela banca e entregar a versão final em formato digital, até o dia 06 do mês de dezembro, do ano 2019, na assessoria da Câmara do curso de Gestão Ambiental.



Ernesto Jacob Keim
Professor Orientador



Gleison Vieira
Membro da banca avaliadora



Luiz Fernando de Carli Lautert
Membro da banca avaliadora

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos a todos que participaram do meu processo de graduação em Gestão Ambiental.

Em especial, a meus pais Evaldo e Rosangela que possibilitaram esse caminho e acreditaram em minhas escolhas individuais com orientações com base no amor, carinho e valores essenciais. À minha irmã, Juliana, e ao meu primo, Guilherme, pela força para poder alcançar o propósito estabelecido. Aos familiares que se fizeram presentes ao demonstrar preciosos incentivos.

A Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral pelo ensino público e de qualidade, e a todos que tive o prazer de conhecer nesse local, bem como professores, os quais tenho enorme admiração, servidores, que sem eles nada disso seria possível, e amigos que fiz durante esse processo e levarei pra vida.

Ao professor e orientador Ernesto pela paciência, dedicação e inspiração para a realização deste trabalho, e pelo seu admirável trabalho como educador.

Ao professor Luiz e ao professor Gleison pela honorável participação na banca deste trabalho.

RESUMO

O contexto civilizatório no que tange à temática ambiental pode ser considerado propício para a execução da barbárie ambiental, ao se mostrar detentor de relações que evidenciam interesses vantajosos e certo descuido para com a vida planetária. Em vista às organizações sociais que permeiam a sociedade, a atitude dos indivíduos que se configuram como autoridade inclusa em múltiplas organizações, pode tender tanto para a barbárie quanto para a emancipação da vida. A linha tênue está na escolha da busca individual rumo à autonomia ou à abdicação imposta pela sociedade heterônoma. Na medida em que um gestor ambiental se encontra na condição de autoridade com o poder de interagir com a natureza, cabe ao indivíduo a decisão de edificar sua própria humanidade a fim de que suas ações priorizem a vida ou a decisão de se colocar a favor dos processos que degradam os ambientes e estimulam atitudes individualista e competitiva. A pesquisa aponta que tanto a emancipação da vida quanto a barbárie se caracterizam como resposta à forma como a sociedade se coloca como resistência ou como conivente com ações degradantes. A perspectiva da Gestão Ambiental vem a ser como sujeito grávido pela natureza que se empenha para resistir à barbárie e promover a emancipação da vida.

Palavras-chave: Barbárie Ambiental. Cuidado. Emancipação da vida. Gestão Ambiental.

ABSTRACT

The context that permeates the civilization and the environmental coverage may be considered conducive, under this perspective, for the environmental barbarism propagation, by enduing relations which evidence advantageous interests and certain carelessness with the planetary life. In view of society organization, established and managed by individuals, the position of each one included on this organizations, can tend either to environmental barbarism or to emancipation of life. The fine line consists on the personal choice on factors that trend to autonomy or the abdication due to the heteronymous configuration of the society. As an environmental manager consists in a condition of authority with the power to interact with nature, it's up to the individual the decision to edify your own humanity in order to your actions prioritizes life, or to put yourself in favor of the processes that degrade the environments and stimulate individualistic and competitive attitude. This research points that emancipation of life and barbarism can be characterized as a response to the way that society stands as resistance or as conniving with degrading actions. The Environment Management perspective becomes pregnant subject by nature with the engagement to resist barbarism and promote the emancipation of life.

Keywords: Environmental Barbarism. Care. Emancipation of life. Environmental Management.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	
1	INTRODUÇÃO..... 9
2	EMANCIPAÇÃO E BARBÁRIE REFERENCIADA EM THEODOR ADORNO.....12
3	BARBÁRIE AMBIENTAL 18
4	ÉTICA DO HUMANO 21
4.1	O CUIDADO NA PERSPECTIVA DE LEONARDO BOFF.....23
4.2	EXPERIÊNCIA HUMANA.....24
4.3	O CUIDADO COMO AGENTE ESSENCIAL PARA A VIDA PLANETÁRIA...26
5	A GESTÃO AMBIENTAL ENQUANTO CURRÍCULO ACADÊMICO.....30
6	DILEMA AMBIENTAL PERMEADO POR CIVILIZAÇÃO E BARBÁRIE: PERSPECTIVAS DA GESTAÇÃO AMBIENTAL.....33
	REFERÊNCIAS..... 36
	MEMORIAL DE INTERAÇÕES CULTURAIS E HUMANÍSTICAS..... 38
	MEMORIAL DE PROJETO DE APRENDIZAGEM..... 39

APRESENTAÇÃO

Ao longo dos anos de vida, sempre me encantaram as paisagens naturais e suas belezas intrínsecas e, apesar de crescida em meio ao centro urbano, sempre obtive contato com o meio rural. Mesmo após crescida, fazia e faço questão de adquirir vivências em meio a estas paisagens. Para além das belezas cênicas e de uma visão romantizada, soma-se junto a essas paisagens, sensações e efeitos que estas são capazes de transpassar, e nós, capazes de absorver. Como por exemplo, uma caminhada na praia, uma trilha para o topo de uma montanha ou até um simples descanso em ambiente arborizado, nos traz um sentido, além dos benefícios oriundos da prática de exercícios, relacionado à calma, paz, bem-estar, simplicidade, resiliência, por exemplos, e mostram que temos muito a reaprender com a natureza.

A compreensão de mundo atual, particular e (re)(des)construída por meio das experiências adquiridas e situações vivenciadas causadoras de admiração e de indignação, leva-me a crer que o viés ambiental é imprescindível, e seria um absurdo ficar sem interferir na dinâmica de contexto de decisões que tanto favorecem quanto degradam as condições de vida terrestre. O fato de o modo de vida atual se apresentar, de forma predominante, como processo de acumulação individual e competição desenfreada, pode estimular processos de resistência para enfrentar o que se mostra como desarmonia, com o que se espera ser processo de emancipação da vida com dignidade e amorosidade. Essa resistência, por menor que se apresente, é de forma sutil, uma possibilidade que pode interferir e interagir de forma global.

A força motora capaz de impulsionar a resistência, se faz presente neste estudo na medida em que ele se apoia na crença, na sensibilização e na esperança, de que um ponto referencial capaz de cada pessoa reconhecer sua interferência ambiental, ao interagir com as incontáveis instituições desenvolvidas e regidas pelos humanos, de forma responsável e comprometida com o enfrentamento diante de manifestos que podem se apresentar como agentes propulsores da barbárie.

Desse modo, eu efetivo minha parcela no processo de resistência, sendo protagonista primeiramente na busca da compreensão da realidade, seguida de propósitos de transformação como indivíduo, escolhendo tornar-me gestora ambiental em prol da relevância desta parcela. Por fim, esta transformação poderá se configurar em ações concretas, durante o exercício da profissão com o compromisso que lhe é devido e a responsabilidade que assumo ao buscar de forma constante a sensatez e a sabedoria que pode sustentar alternativas que promovam visão aprofundada e holística que culmine em vida com dignidade.

1 INTRODUÇÃO

Diante da situação do contexto contemporâneo é importante e emergente o debate referente à relação dos humanos com suas instituições diante da dinâmica planetária (ambiental). Essa relação gerou impactos significativos na dinâmica organizativa do planeta, promovendo o aprimoramento de elementos de legislação, com foco na manutenção da qualidade de vida diante de acontecimentos ambientais marcantes, o que foi nomeado como proteção ambiental.

A organização civilizatória contemporânea salienta a cultura de consumo de bens que atendam prioritariamente às premissas do mercado, ou seja, durabilidade reduzida e distribuição permeada por competição e acumulação individual (KEIM, 2011b). Essas características da dinâmica produtiva se caracterizam como denúncia no sentido de refletir sobre suas consequências na forma de impactos na dinâmica planetária, os quais desafiam a organização social, cultural e ambiental.

Assim, esse texto aborda formas como a dinâmica humana repercute em vários lugares do planeta, ultrapassando fronteiras e evidenciando o trabalho coletivo em estudos acerca da temática à adoção de práticas inovadoras e mais favoráveis à emancipação da vida.

A dinâmica ambiental no contexto permeado pelos indivíduos se ampara em diversas definições objetivas e conceituais de meio ambiente. Essas definições se referendam em posições de diferentes autores, que viabilizam pluralidade de posições em uma indispensável premissa de base evidenciada pela necessidade de clareza ao que tange a expressão meio ambiente. A indissociação entre a sociedade, cultura e meio ambiente coerente com essa complexidade, faz com que a vida humana esteja inerentemente inclusa na dimensão das instituições geradas e geridas pelos humanos, no entanto, as questões ambientais não são de responsabilidade exclusiva das pessoas, mas das instituições geridas pelos humanos.

A clareza no uso destes conceitos é importante na medida em que refina a compreensão necessária, para fundamentar uma comunicação entre autor e leitor deste texto, que tem como finalidade desencadear reflexões que priorizem a vida com dignidade.

Segundo Milton Santos (2005), a especialização do saber afeta diretamente o entendimento do mundo, compreendido como as inserções dos humanos junto à estrutura planetária. A demanda por uma análise compreensiva e totalizante da denominada crise ambiental requer uma revisão de teorias e práticas de múltiplas disciplinas a fim de obter um enfoque interdisciplinar, o qual se opõe ao isolamento das disciplinas e à especialidade extrema. Tal interdisciplinaridade parte do pressuposto da complexidade contemporânea e

análise histórica, as quais confrontam versões reducionistas e simplificadoras. A interdisciplinaridade, no contexto da emancipação da vida, com foco na formação da pessoa, como agente que interage e promove a consciência da dinâmica vital, se ampara na percepção e na organização de necessárias equivalências entre diferentes tensões geradas pelo cotidiano da vida (KEIM, 2019c). Essas tensões são decorrentes da complexidade do que caracteriza a individualidade de cada humano, no contexto da cultura, da sociedade e dos ambientes. A equivalência das tensões estabelecem uma condição de convivência, isto é, a vida tem significado e sentido na medida em que as contradições são confrontadas e respeitadas.

Ainda segundo Milton Santos (2005), a redefinição de natureza e espaço por meio de fenômenos técnicos possibilitam o diagnóstico de a questão ambiental dar-se sob a óptica da evolução técnica. Na busca para a compreensão do processo formativo com base nas técnicas, cabe ressaltar que o processo histórico muda sua significação, assim como soluções necessárias também se alteram ao decorrer do tempo. O autor propõe a revisão da própria construção histórica das técnicas e tecnologias, avaliados segundo o respectivo contexto, e não isoladamente, de modo a reconhecer seus elementos formadores.

Essas posições remetem ao conhecimento repassado e estudado no currículo acadêmico em Gestão Ambiental e animam essa investigação no sentido de debater qual o direcionamento desencadeado, para que os módulos curriculares seguissem determinada ordem lógica de conhecer, compreender, propor e agir.

Nessa perspectiva de criticidade, o cuidado abordado a partir da óptica de Leonardo Boff (2000) é um modo que possibilita a reflexão que evidencia a emancipação da vida (KEIM, 2019c), considerando como a sociedade reflete alternativas para a superação da barbárie socioambiental para um estado de convivência. Em sua obra, Theodor Adorno acrescenta a esse propósito, ao considerar que a civilização tendo alcançado um “alto desenvolvimento tecnológico”, não evidenciou estímulos para a superar o impulso destrutivo incorporado pelo contexto civilizatório, o qual contribui para uma tendência iminente à explosão (ADORNO, 1995, p.155). Em um contexto extremo, o autor reflete sobre o período nazista alemão e exemplifica os campos de concentração como “a mais horrível” concretização da barbárie.

A barbárie referida tem relação com a questão social e cultural, e a direção que se é dada neste texto para a barbárie ambiental, a qual, no contexto contemporâneo, pode ser observada em diferentes graus e escalas. Aqui, não cabe explicitar as atitudes bárbaras a qual nos deparamos, no entanto, a reflexão deste conceito conduzirá por si à autonomia para o reconhecimento destas. Assim como Adorno propõe a educação como um caminho possível

para a emancipação, e conseqüentemente a superação da barbárie aliada com as mudanças necessárias para que se desenvolva este processo educativo evidenciado de forma efetiva e cabível, a analogia onde a manifestação do cuidado para com o meio como forma de desbarbarização, se ampara na metáfora representada como processo de gestação, ou seja, do processo de engravidamento dos indivíduos com o meio ambiente.

O processo metafórico de engravidamento se ampara na perspectiva do amor e do cuidado, que são inafiançáveis para o gestor com seu rebento gestado. Essa metáfora aponta, segundo Keim (2019b), para uma condição, em que as pessoas tenham pelos agentes que interferem na vida, de cuidado amoroso equivalente ao cuidado maternal e paternal. Essa posição requer o reconhecimento a priori, de a fertilidade possibilitar que o óvulo seja fecundado, o que é inerente à nossa significação preterida de humano (húmus). Ao decorrer do processo, o cuidado e o zelo serão despertados, para se ter uma gestação ambiental para melhor gerir o meio.

A missão de responsabilidade com o meio ambiente nos é alcançada, toda vez que interagimos e com ele convivemos, e sem que exclua a liberdade do outro, para prosseguir com a necessária autonomia, característica de suas próprias interações e dos humanos com a complexidade ambiental. Tal responsabilidade remete à conquista de novos espaços como se constata com o jovem ao se tornar adulto, uma palavra dotada de conotação social. Por meio dessa mudança, a pessoa, agora, adulta, portanto, responsável, fica atenta para refrear, a degradação da casa comum a todos. A não percepção e aderência dessa responsabilidade denuncia nossa crise de adolescência (BOFF, 2000). A delicadeza desse processo envolve o conhecimento do outro, junto ao reconhecimento próprio de limites, que possibilitam o despertar do modo de ser cuidado e o qual acabaria na efetivação de uma boa relação entre pai e filho como alusão à metáfora utilizada.

Segundo Leonardo Boff (2000), apesar das individualidades de cada indivíduo, possuímos características e traços inerentes ao ser humano associado ao fenômeno do cuidado e a falta do mesmo, o que gera a famosa crise ambiental que está permeada em uma crise civilizacional. No cotidiano, podem ser observados diversos sintomas inerentes os quais são remediados insuficientemente. Assim sendo, o cuidado é abordado como essência do ser humano, e ecoa positivamente na biosfera.

O presente trabalho, além de constatar evidências e fatos da problemática inserida no contexto ambiental, dará ênfase às ações possíveis como forma de superação a nível local e individual. Parte-se do pressuposto que tais ações são totalmente acessíveis e significativas

dentro do contexto global, podendo formar um mosaico efetivamente positivo que demonstra continuidade e superação às várias situações locais.

O foco da pesquisa reside na problematização central em como o cuidado pode evidenciar a emancipação da vida no contexto da superação da barbárie, que envolve a questão ambiental na contemporaneidade. Parte-se desse problema rumo ao propósito principal da pesquisa, em compreender formas pelas quais a gestão ambiental pode interagir, com foco, na emancipação da vida, para atuar como resistência à barbárie que permeia o contexto de degradação ambiental.

Como procedimentos investigativos que mediaram a pesquisa e sustenta este texto, destacamos o processo de pesquisa bibliográfica com a busca de referenciais teóricos no Google Acadêmico e na literatura decorrente do processo de orientação. As leituras foram sistematizadas e organizadas de acordo com um modelo de fichamento proposto pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável com o qual foram registrados aspectos importantes das leituras, que contribuíram significativamente na construção de embasamento teórico.

A abordagem de ciência que acompanhou esse processo se insere no contexto da Fenomenologia Goethiana, a qual aponta como aspecto fundamental a postura do pesquisador como quem assume um comportamento que se caracteriza como uma prontidão para a construção de argumentos defensáveis, que sustentem as posições a que a pesquisa se conduz e conduz o pesquisador, de tal forma que não existe uma submissão a um método. Compreendendo-se postura como um conjunto de atitudes que afloram na medida em que as dificuldades se apresentam exigindo ações que viabilizem a continuidade da pesquisa.

Com base no problema e no propósito, o corpo do trabalho se organiza com os seguintes itens: o primeiro trata da revisão de importantes pontos a fim de construção de uma fundação sólida, para alcançar domínio nos aspectos que caracterizam a emancipação e a barbárie segundo Theodor Adorno, respectivamente, a abordagem da barbárie no contexto ambiental como ameaça à emancipação da vida; o item seguinte traz a ideologia do cuidado, proposta por Leonardo Boff e a proposta de Emancipação da Vida desenvolvida por Ernesto J. Keim, como uma alternativa possível para a mediação da gestão ambiental como processo gestativo. O quinto capítulo trata da gestão ambiental enquanto um currículo acadêmico confrontado pela abordagem teórica dos capítulos anteriores. O fechamento da volta da espiral, iniciada ao ser aprovada no vestibular, se caracteriza na perspectiva da gestão ambiental como expressão das metamorfoses desencadeadas na pesquisadora e no próprio tema em questão.

2 EMANCIPAÇÃO E BARBÁRIE REFERENCIADA EM THEODOR ADORNO

A abordagem teórica referente à emancipação da vida é decorrente da transcrição de entrevistas livres de Theodor Adorno e Hellmut Becker conforme uma gravação de programa radiofônico de Hessen, transmitido no ano de 1968 e 1969 e publicada na obra Educação e Emancipação. Nela, são analisadas as contradições civilizacionais tendo como foco a análise da atitude de desumanização adotada pelo sistema nazista e que se repete e em diferentes contextos da atualidade.

A justificativa para a relevância desta análise aponta para a necessidade do desenvolvimento de argumentos que possibilitem a emancipação da vida e a dignidade necessária para conceber o que é humanização. Assim, a sobrevivência da humanidade se caracteriza como processo que reconhece os limites da tirania e amplia os espaços de libertação pela via da educação. O texto reconhece que muitas são as dificuldades no caminho de enfrentamento à barbárie, como a decisão de atuar contra o que a promove e a mantém, o que de certa forma se referenda aos traços de culpabilidade impostos às gerações pelo poder tirano.

Hannah Arendt (2007) se refere a essa questão como a luta contra a banalização do mal, ao destacar que a barbárie é vencida na medida em que o mal fica explícito como ação dirigida para garantir diferentes formas de poder, que desumanizam e escravizam corações, corpos e mentes. Nesse sentido, é importante desvelar e ampliar caminhos possíveis que apontem para o processo de humanização do indivíduo, ao promover reflexões que visem princípios educacionais que priorizem aspectos e façam vigorar referenciais de vida emancipada para a dignidade amorosa e esperançosa.

No âmbito educacional; tendo em vista que se trata de um fenômeno geral, mas tendo a Alemanha como exemplo, onde, segundo o autor, ocorreu “a mais horrível explosão de barbárie de todos os tempos, e por que, afinal, conhecemos a situação alemã melhor a partir de nossa própria experiência viva” (ADORNO, 1995, p.157), sua causalidade se dá pelos compromissos assumidos como adaptação alienada das instituições e seus integrantes ao sistema dominante assim como a orientação conforme valores objetivamente válidos e dogmaticamente impostos.

A educação como processo de enfrentamento e resistência à barbárie, caracteriza-se no espaço, tempo e conhecimento, onde a postura tirana é posta em evidência como denúncia sobre suas possíveis ramificações e ampliações de influência. Nessa influência cabe destaque para o desejo natural das pessoas de alcançar prazer e sucesso, mas, na educação, que

viabiliza a tirania e a barbárie, essa busca de prazer e sucesso, ganha o direcionamento da competição e do individualismo, como, por exemplo, nos esportes.

O individualismo e a competitividade desencadeiam uma relação conturbada que confronta os ideais das pessoas com o que é determinado pelo poder, evidenciando uma influência sobre as pessoas ao se relacionar com as coisas. A multiplicidade de ofertas na dinâmica educativa, promovida pelas inúmeras formas de comunicação inerentes à organização social, inclusive pelas dinâmicas escolares, que não são obrigatoriamente educativas, pode se apresentar tanto como conotação de desbarbarização como pode ampliar o processo de degradação da vida.

No entanto, ao estudar o fenômeno da barbárie que está presente em incontáveis lugares, tempo e conhecimentos, é crucial em adição à abordagem de fatores subjetivos, os fatores objetivos, caracterizados como culturas e cosmovisões, que constituem o contexto social e civilizatório, os quais independem dos indivíduos pois se caracterizam como construções e organizações de dimensão ancestral, tribal e comunitária.

Sob a óptica do conhecimento psicológico abordado por Sigmund Freud, citado na obra de Adorno (1995), a repressão cultural produz e reproduz a barbárie nas pessoas submetidas a essa cultura, assim, todos nos encontramos num contexto de culpabilidade no sistema, e caberá a cada um orientar estes traços contra a barbárie, para que possam vir a se tornar tendências produtivas de argumentos de emancipação da vida. As agressões, intermediadas pela cultura, podem ser reflexos de tentativas fracassadas de afirmação. Há culturas que podem ser consideradas como detentoras de aspectos objetivos que promovem a barbárie, por isso se faz necessário esclarecer a rudeza e a parcialidade existente no princípio da cultura.

Consoante a Adorno e sua época, conforme Fabiano Leite França (2011a), as limitações e relevância da educação na formação da relação indivíduo-sociedade é determinante aos estados das coisas. Ao serem investigadas as causas e origens da sociedade como processo que situa a vida com dignidade em segundo plano, pôde ser nomeada em situação não-emancipada, de tal forma que nela ocorre a persistência das causas da barbárie, tornando Auschwitz sempre uma possibilidade iminente, em que se é viável o subentendimento como normal e válida a segregação e o genocídio contra grupos étnicos ou religiosos ou comunidades vulneráveis ou economicamente desfavorecidas. Portanto, coloca-se o modelo de formação em questão, como agente que torna possível tal barbárie e somente uma mudança radical nas estruturas psicológicas e sociais pode-se resistir à repetição da mesma, objetivada pelo autor nos campos de concentração na Alemanha.

Com relação à posição desse autor, cabe destacar as causas e origens da sociedade desumanizada, e portanto, não-emancipada, como geradora de estruturas culturais civilizatórias e de organização social que promovem a barbárie. Nessa perspectiva, a psicologia social e mesmo correntes da sociologia e da antropologia se colocam como agentes que minimizam a expansão da barbárie, ao tecer argumentos que deixam de lado o que de fato se caracteriza como causa, ou seja, a desumanização (KEIM, 2019b).

A indagação de Hellmut Becker (in ADORNO, 1995) sobre quais critérios são adequados para decidir o conceito de bárbaro, aponta para a distinção de violência praticada ou na forma de ameaça e mesmo ao considerar sua ausência em ações em si proibidas. Portanto, a violência se caracteriza como um sintoma da barbárie, porém não necessariamente sê-la, o que remete à existência do fenômeno:

Em toda parte em que há uma regressão à violência física primitiva, sem que haja uma vinculação transparente com objetivos racionais na sociedade, onde exista, portanto a identificação com a erupção da violência física (ADORNO, 1995, p.159).

A aplicação dessas ideias representaria um rompimento de um conjunto de ideias já predisposto, além de requerer adequações no desenvolvimento de um processo de socialização do indivíduo, onde seriam verificadas adequações sociais e anímicas decisivas.

Nesta perspectiva, o processo de desbarbarização na educação é mediado pela autoridade esclarecida e pela não submissão à insegurança total caso não seja oferecida orientação alguma.

Todavia, a autoridade como ser instituído, não representa a substituição do esclarecimento do que vem a ser a causa da barbárie, uma vez que o momento da autoridade não é cego, e não tem origem na violência em si, mas é gerado a partir da consciência imposta no processo educativo, pelos vínculos que possui com base nos sistemas dominantes. Ao educador que se propõe a superar a barbárie, na condição de autoridade na educação, deve promover um processo de visualização e transparência dessa mensagem subliminar, que sustenta a tirania.

O conceito de autoridade adquire seu significado no contexto social em que está inserido, portanto, é um conceito psicossocial o qual não representa a realidade social em si. A autonomia não é repulsiva à autoridade, pelo contrário, é por esta via que se convergem categorias sociais, pedagógicas e psicológicas, as quais servem como meio de identificação e substituição, pressupostos para a emancipação.

No entanto, condizente ao escrito de Fabiano Leite França (2011a), as instituições educacionais são em sua maioria obedientes aos modelos dominantes, logo, tendem a usurpar

a autonomia e estabelecer um direcionamento contrário à emancipação. A pressão da força dominante sobre os indivíduos tende à desintegração da individualidade, em outras palavras, o indivíduo fica propenso a se abdicar de seu próprio eu a fim da adaptação. Sob a óptica da situação não emancipada em que vivemos, é questão de sobrevivência a adaptação ao *status quo* onde muitas vezes se nega a subjetividade e individualidade para a regência da heteronomia. Além de reforçar e legitimar um potencial totalitário diminui a capacidade de resistência, ou seja, oposição à barbárie, esta somente possível diante da autonomia.

Uma vez dado o modelo vigente como resultado de dinâmicos processos sociais, a transformação civilizatória necessita de uma epistemologia a qual englobe as particularidades de cada momento no contexto de uma educação, que atente os indivíduos, às contradições presentes as quais podem ser mediadas pela educação, e por decorrência tendem a refletir positivamente caso esta não violar princípios de autonomia (FRANÇA, 2011a).

Adorno (1995) aponta que apesar de mudanças estabelecidas na conjuntura atual, a barbárie se reveste como autoridade, na medida em que se coloca como porta-voz de poderes estabelecidos, os quais podem se manifestar como atos que promovem deformidade, e impulso destrutivo com a consequência de gerar uma essência mutilada nos indivíduos que aceitam de forma alienada a barbárie. Para a diferenciação entre o que é e não é barbárie, pode-se acrescentar a ocorrência de ações de violência como decorrência de formas de lidar com forças e poderes que são incorporados pelas pessoas no contexto de suas vidas. Aponta ainda que a racionalidade não consegue dar conta da complexidade do que constitui a barbárie, pelo fato dela não se constituir em algo humano e transparente pois em sua maioria está movida por interesses dos estabelecido e dominante poderes.

No debate referente ao que motiva e promove a barbárie, é possível acrescentar, que em sua reprodução por meio da escolarização, mediada essencialmente pelo princípio da autoridade e somado a fatores subjetivos, é possível identificar um processo nomeado pelo autor como “falência da cultura”, o que significa que a cultura, objetivada em razões impostas pelo poder estabelecido e dominante, não consegue alcançar seus propósitos de emancipação.

A ênfase na desbarbarização se estende para além de exigências ingênuas de tolerância e calma, como elogios à moderação, restrição de afeições fortes e eliminação da agressão. Longe de mudar totalmente a situação de barbárie, manifesta pela incapacidade da pessoa compreender os limites e abrangência, a mudança se mostra quando ocorre o reconhecimento do que é possível transformar em direção a um clima mais favorável à vida, em face das ações e agressões bárbaras da perspectiva cultural vigente.

O ponto crítico do debate referente à desbarbarização é destacar o processo de transformação da pessoa como ser de liberdade e autonomia, isto é, como quem sabe destacar o que é, e como é a condição de a pessoa se perceber como ser integrado à vida. Essa dimensão dialoga com Martin Heidegger (in ROEHE & DUTRA, 2014), na expressão *Dasein*, a qual representa a condição de as pessoas terem clareza de que viver é manifestação de um vir-a-ser. Vir a ser como processo contínuo de reconhecimento da existência em suas múltiplas manifestações e contingências, assim a pessoa se reconhece num vir a ser de barbárie e de emancipação conforme suas contingências de vida em sociedade movida por forças e poderes, ou seja, em sociedade caracterizada como processo político.

Assim a emancipação se ancora na permanente proatividade de reconhecer que autonomia é processo que se constrói a cada momento, assim como a liberdade que se caracteriza como a responsabilização das pessoas pelas ações que desenvolve, referenciada em suas forças e poderes, caracterizada como matriz e base para a concepção de política. (KEIM, 2019d). Essas abordagens caracterizam a pessoa como ser de relação, e portanto sujeito a todo tipo de postura e procedimento capaz de gerar barbárie ou valorização e emancipação da vida.

Todavia, a condução da sociedade rumo à emancipação, consiste em lidar com inúmeras e complexas forças, que se colocam em oposição e confronto, gerando uma equivalência denominado como equilíbrio. Nesse sentido, ao debatermos a barbárie, vale a recomendação para compreender as formas e processos apontados por Guy Debord (in NEGRINI & AUGUSTINI, 2013), ao apresentar a indústria cultural como processo que representa a sociedade amparada em incontáveis abordagens de cultura, as quais formam um mosaico de posições que podem contribuir para ampliar a compreensão de como lidar com a barbárie.

Assim a desbarbarização pode contar com a contribuição da pessoa compreender como as pressões exercidas sobre os indivíduos devido à organização do mundo e pelo controle exercido pela “indústria cultural”, dentre outras dificuldades no processo de descoberta de identidade e na saída da minoridade, podem gerar a submissão à potência do existente e a sentimento de impotência.

No contexto da barbárie relacionada à escolarização, é possível identificar que a emancipação ainda não se encontra plenamente efetivada, onde é possível que o próprio termo seja marginado. O problema da emancipação é de continuidade mundial e se manifesta e se propaga por meio de sistemas políticos ao estabelecerem referência social frente à

complexidade das diferenças e dos diferentes, que caracterizam a alteridade, fundamental para compreender o que vem a ser autonomia e heteronomia.

Por isso a aplicação de uma educação para a contradição e contestação dos poderes vigentes, como resistência ao que atenta contra a vida, possibilita a evidência de promover emancipação da vida. Dessa forma além do âmbito institucional, sobretudo na escola, a emancipação deve se dar em todos os planos da vida, pois nela a contradição social da organização em que vivemos, está manifesta no que está preestabelecido, aceito e absorvido pelas pessoas integrantes desse processo. A essa dinâmica de interação, tratada nesse texto como enfrentamento à barbárie, cabe destacar a necessidade de ressaltar a evidência de que a vida emancipada tem íntima relação com a humanização das pessoas e essa ressalva ganha importância maior, na medida em que essa proposta se referencia na configuração heterônoma da sociedade.

3 BARBÁRIE AMBIENTAL

Com o apoio da revisão bibliográfica, a direção do texto se encaminha para o contexto ambiental. Primordialmente, acatamos a definição de biodiversidade trazida pela União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN), ao destacar que “biodiversidade inclui diversidade de espécies, diversidade genética e diversidade ecossistêmicas” (apud ROBIN, 2011c). Desse modo, se pode considerar a biodiversidade como um “novo nome da natureza” (FARNHAM, 2007 apud. ROBIN, 2011c p.25) e ainda como uma postura para se perceber as alterações no meio, causadas pelas instituições geradas e geridas pelos humanos ou não, pela quantificação de espécies, pela medição medidas da variação genética e das pressões que interferem na saúde de um dado ecossistema. Esses aspectos na perspectiva da biodiversidade, servem de suporte essencial para o estudo do fenômeno da vida, evidenciando a necessidade de conhecimentos específicos, somados a medidas políticas, a fim de atingir a causa maior da conservação, ou seja, um ecossistema que tenha equivalência decorrente da complexidade das interações que o caracteriza.

Sem embargos, a barbárie se configura no contexto socioambiental, na medida em que é revestida e percebida em diferentes níveis e escalas, decorrentes das interações dos grupos sociais com a biodiversidade. O foco na barbárie ambiental não exclui a perspectiva da barbárie social, pelo fato de serem equivalentes às forças potenciais nessa direção.

A trajetória do termo biodiversidade até seu refinamento passou por diferentes fases como elemento de mensuração da questão ambiental. De modo generalizado, emergiu em

meados de 1980 sendo utilizado no contexto do ativismo ambiental como uma “súplica moral” em oposição à perda de diversidade (FARNHAM, 2007 apud ROBIN, 2011c, p.26).

Originalmente, a atividade da biologia com relação à diversidade da vida se restringia à ordenação e classificação dentro do sistema binominal de classificação de espécies, proposto durante o século dezoito. Como decorrência desse processo, ocorreu o aprofundamento do caráter descritivo para a criação da biologia da conservação como subdisciplina, visualizada por Michel Soulé e apelidada de “ciência da crise”.

O termo biodiversidade no panorama da “ciência da crise” foi incorporado pela mídia e difundiu-se internacionalmente ao se reaplicar globalmente como argumento que podem ter tido motivações de financiamentos governamentais, grupos internacionais influentes e organizações não governamentais. Desse processo é possível identificar uma relação entre a ecologia e a dinâmica política que envolveu a “ciência da crise” a qual ultrapassa a documentação de espécies para a efetiva triagem dentro da condição de emergência em escalas mais abrangentes.

O termo carrega ainda sentidos para a compreensão da crise ambiental, sendo assim, é dito por David Takacs que a biodiversidade se tornou uma “zelosa ferramenta para a defesa de uma particular construção social de natureza” (apud ROBIN, 2011, p.27). Logo, somado ao viés ecológico que esse conceito incorpora, há de se considerar que possui íntima relação com a dinâmica de gestão ambiental, e eventualmente se pode usufruir dela como força motriz e aperfeiçoamento de políticas e convenções internacionais.

Utilizaremos, portanto, desta ferramenta a fim de verificar a relação sociedade e meio ambiente e para evidenciar a barbárie como possibilidade nesse espaço, tempo e conhecimento. A barbárie ambiental não é de longe atual, por meio do resgate epistemológico combinado com a noção da técnica abordada por Milton Santos, e analisada em diálogo com a predominância do modo de ser trabalho, o qual discorreremos ao decorrer da pesquisa, será configurada uma edificação de condições e causas para essa perspectiva.

A história da interação humana com os ambientes, segundo Milton Santos (2005), sob a óptica do fenômeno técnico, ou seja, os instrumentos ou objetos adicionados ao espaço-tempo segundo o respectivo conhecimento, pode servir como referência para a constituição do saber da questão ambiental. O processo técnico pode ser analisado e caracterizado com base em elementos fundamentais, que se manifestam como: o sistema técnico adicionado à natureza (em um dado local e momento histórico); a motivação de seu uso segundo sua natureza e o grau de indiferença com o meio, ou seja, o grau de respeito e interpretação para com as estruturas encontradas no meio e na sociedade. Por meio dessas considerações

norteadoras, esta proposta de periodização trata do meio ambiente dentro de uma contextualização totalizante e compreensiva com o enfoque técnico, uma vez reconhecido seu mérito de redefinir a natureza e o espaço.

Nessa dimensão, a técnica a que Milton Santos (2005) se refere pode ser caracterizada como de natureza social, tendo em vista que é a própria humanidade que a anima, dessa maneira, a barbárie ambiental é causada exclusivamente pelas instituições geradas e geridos pelos seres humanos, as quais podem repercutir diretamente nas escolhas individuais. Segundo esse raciocínio de periodização, a ocorrência do que denominamos barbárie ambiental pôde ser inicialmente percebida durante a conjuntura do período técnico, com a invenção e uso das máquinas, no entanto, ainda limitada e seus efeitos pontuais, apesar de os objetos técnicos poderem ser conflitantes e se sobreporem às forças naturais.

Assim, aponto que a barbárie ambiental se configurou mais intensamente no período científico técnico informacional, o qual é marcado pela interação da ciência, da tecnologia e do mercado de natureza global e indiferente às realidades locais. Neste período, ocorre o progresso técnico e o desenvolvimento da informação, predominantemente submetidos às lógicas globais, associados com os atores hegemônicos, o que torna a tipologia e motivações de uso destes objetos, essencialmente, ao funcionamento do sistema econômico (SANTOS, 2005). As instituições geradas e geridas pelos indivíduos exercem forças e torna inviável a autonomia. Ora, os indivíduos submetidos a um terreno infértil para sua autonomia tem a possibilidade de orientar ações de forma a sobressair valores desses atores hegemônicos, em nome de suas instituições, e que tendem à execução da barbárie ambiental (KEIM, 2019c).

Em paralelo ao período denominado técnico científico informacional e a seus atores hegemônicos, a barbárie ambiental na modernidade se sustenta no desenvolvimento da corrente de pensamento nomeado pela autora Nancy M. Unger (1991) de razão científico positivista, a qual ao reduzir a percepção da complexidade e se distanciar da realidade, torna viável as atrocidades que ameaçam e/ou alteram bruscamente a biodiversidade e coloca em risco a sobrevivência da humanidade. Nesse processo, a natureza e a biodiversidade como manifestação da vida e seus componentes e integrantes ambientais envoltos, deixa de ser sujeito para se configurar como objeto em uma dinâmica no qual ela se submete a um diálogo e troca baseados em projetos de controle e dominação. Deste modo, o caminho percorrido pela razão, tecnologia e ciência se encontra como meios que partilham majoritariamente uma mesma visão dicotômica e dessacralizada, ou seja, de ruptura com o paradoxo e o mistério que caracteriza a vida.

Com base nesses eixos aliados refletidos no contexto civilizatório, essa ruptura denominada como *hybris* caracteriza a ruptura da justa medida. A *hybris* se expressa com a inauguração da modernidade que se baseia fortemente no raciocínio dedutivo para a determinação do real, acontecimento nomeado como “tiranização da real” na civilização contemporânea e que sublima uma compreensão distorcida do significado de ser humano (UNGER, 1991). Assim, a barbárie pode ser expressa no espaço-tempo não menos como desmesura, quando são ofuscados os limites do poderio e ambição humanos e ofuscados possibilidades de interações e intervenções pautadas na amizade e cuidado.

Aliada a razão científico na perspectiva positivista e a modernidade científico-técnica informacional, a filosofia que referencia a epistemologia e o reconhecimento da barbárie é analisada por Leonardo Boff (2000) como realismo materialista. O realismo é definido segundo a crença na independência dos objetos do sujeito que os observa e, conseqüentemente, a redução no âmbito da realidade ao ignorar fenômenos subjetivos organizados pela razão analítica. Entende-se materialista ao pressupor a matéria como única realidade consistente, e os demais fenômenos suas derivações secundárias.

Assim sendo, com o intermédio da tecnologia, por meio das interações e intervenções dos indivíduos em nome de instituições, a demonstração de como a barbárie é repercutida sobre a biodiversidade, ocorre na medida em que o meio é alterado ou ameaçado em suas dimensões de biodiversidade. O processo para seu desenvolvimento tem possibilidade de ocorrer com aparente transparência na relação entre indivíduos e suas instituições, no entanto, seus meios e fins se mostram muitas vezes não transparentes e não a favor da vida, dada a explicitação de interesses de atores hegemônicos e não de indivíduos autônomos. Para se tornar possível tal ocorrência, se parte da conjectura da tiranização do real, do realismo-materialista, da supressão da humanização e da educação baseada em competição e acumulação individual (KEIM, 2011b), os quais antecedem as concretizações bárbaras e que promovem a não equivalência destas interações humanas com o meio a favor da vida.

Esse dilema aponta para o conceito de autoridade que se refere à pessoa desenvolver alguma atividade com base em poder que lhe é delegada, em contraponto ao conceito de autoritário, que se refere à pessoa que desenvolve atividades pública de forma que os poderes se direcionam a seus próprios interesses. Essa conceituação, segundo Ernesto Jacob Keim (2019c), contribui para o desenvolvimento da barbárie ambiental, uma vez que na relação de muitas instituições humanas com a biodiversidade pode ser notado com base em interesses, e na medida que a transparência vem a ser algo a ser questionado na construção dessa expressão, pois não é preciso ser transparente quanto às aspirações humanas para com o meio.

Posto que ele não pede esclarecimentos, mas pede consciência crítica a pontos e informações que podem ser ocultados ou ignorados na relação entre indivíduos e suas organizações, ao ponto de ações se tornarem tendenciosas e manipuláveis, resultando em agressões bárbaras e que potencialmente podem se tornar problemas futuros. Há de ser ponderado que a maneira de interação do meio não humano com a natureza humana se difere por não verbalizar, mas aponta por diferentes meios a compreensão de como os humanos devem se por à escuta e atentar a seus sinais e indicações (UNGER,1991).

Portanto, a ocorrência da barbárie ambiental pode ser acatada como extensão da barbárie descrita por Theodor Adorno, sendo a autonomia e emancipação um meio possível radical para sua erradicação e que refletirá em certo grau de respeito imposto, principalmente pela tecnologia para com o meio biodiverso em cada contexto. Neste caso, é excepcional ter a clareza, de que não se trata de abandonar todo o progresso técnico científico informacional adquirido até aqui e retornar ao período pré-técnico. O período técnico científico informacional aponta que este pode ser direcionado à resistência e à contraposição da barbárie, porém é importante reconhecer que o “véu tecnológico” como fetiche é problemático ao se expressar como “consciência coisificada” (FRANÇA, 2011a, p. 108) dessa forma não intervém em prol da humanidade. Cabe dizer ainda que a elaboração de uma “cultura técnica” que inclua todos os aspectos da vida e os atores, tenderia a considerações mais favoráveis à emancipação da vida “desde a propriamente técnica e operacional até as referências culturais e políticas que comandam a sua incorporação na história do mundo e dos lugares” (SANTOS, 2005, p.704).

4 ÉTICA DO HUMANO

O reconhecimento do fenômeno da barbárie ambiental remete a elementos objetivos da técnica e subjetivos de correntes de pensamentos os quais fundamentam a ocorrência e a ameaça no contexto das instituições geradas e geridas pelos indivíduos, apontando a orientação do confronto, da contestação e também da resistência, o que remete a, em primeiro plano, a atenção para com os indivíduos singulares, no processo de humanização e emancipação.

Para compreender o que é a essência humana, trazemos a obra Saber Cuidar: a ética do humano – compaixão pela terra de Leonardo Boff (2000) resgata o fenômeno do cuidado como essencial, sendo tão necessário quanto a tecnologia, a ciência e a informação. O cuidado serve de crítica à civilização contemporânea e como princípio inspirador de convivialidade.

A presente pesquisa une esforços e preposições para enfrentar a barbárie no contexto ambiental, muitas vezes sustentada pela falta ou insuficiência de cuidado para com o meio biodiverso. Essa posição implica em compreender que o cuidado se caracteriza como postura humana de respeito à vida e não apenas constatar aspectos nocivos à vida e deles se apiedar.

Desta maneira, o despertar do modo de ser cuidado nos indivíduos pode vir a refletir como solução à *hybris* e às relações de interesses nesse espaço, tempo e conhecimento e que denunciam a civilização detentora de certos aspectos de impiedade, insensatez e barbárie.

É dito que: “cuidar é mais que um ato; é uma atitude” (BOFF, 2000, p.33). A atitude de cuidado se distingue da momentânea atenção do ato, para uma postura de responsabilização e ocupação geradoras de atos condizentes que expõem a atitude em si. Frente à questão ambiental, se tem como perspectiva à postura cuidadosa, como via que indica caminhos mais esperançosos e em prol da vida, ao envolver múltiplos panoramas que compõem a realidade e conflitos socioambientais, ao influenciar contextos de tomadas de decisões, e, conseqüentemente, trazer à tona o debate acerca da emancipação da vida.

Alguma dúvida pode emergir na medida em que se tem essas questões como abstratas e pouco práticas diante dos problemas atuais, sem demora, atentamos para a noção de política, a qual remete à organização dos indivíduos a partir das forças e poderes que exercem e que estão submetidas, aos debates coletivos frente às forças e aos poderes, e à responsabilidade inerente às ações decorrentes dessas forças e poderes exercidos e submetidos. Nessa perspectiva, nossa prática política é moldada conforme a percepção de reconhecimento e representação individual que podem tender tanto para humanização como para a barbárie (KEIM, 2019b). Portanto, a mudança radical indica repensar o agir humano com a vida e com os componentes ambientais e sua relação com a reprodução e a repetição da barbárie ambiental, uma vez que estas interações evidenciam a postura a qual o ser humano se insere no real (UNGER, 1991).

4.1 O CUIDADO NA PERSPECTIVA DE LEONARDO BOFF

Haja vista os significados existenciais das palavras, ou seja, a semântica decorrente das experiências no decorrer de seu uso, a filologia do cuidado contribui para o estudo de sua natureza, em que se pode investigar a riqueza escondida e o desdobramento de significações a partir de seu sentido originário. Há estudos que a considera derivada do latim *cura*, sinônimo erudito de cuidado, assim usada por Martin Heidegger. Sua forma mais antiga escrita *coera* era usada num contexto de relações de amor e amizade, expressando desvelo e preocupação.

Também se pode reflexionar sua derivação de *cogitare-cogitatus*, *coyedar*, *coidar* e *cuidar*, que sugere a noção de certa importância inicial a qual desencadeia a atitude de cuidado, atos explicitando noções como atenção, dedicação e participação. Além desta dimensão do cuidado com conotação de zelo e atenção, pode tratar de um sentido de responsabilidade e inquietação devido ao envolvimento com o outro. Consoante à natureza da palavra, suas duas significações básicas, intimamente ligadas uma à outra, revela a indiferença como a supressão do cuidado.

Em respeito a seu adjetivo essencial, a busca de respostas a pergunta “o que é o ser humano?” são múltiplas e variadas e moldadas consonantes com as formações sociais nas diferentes visões de mundo, filosofias e ciências. Com o amparo de pensamentos do “filósofo do cuidado”, Martin Heidegger (1927) citado na obra de Boff (2000, p.34), quem caracteriza o cuidado como “fenômeno ontológico-existencial básico”, em outras palavras, o salienta como essência humana comum e remete ao fenômeno expresso como modo de ser. O cuidado se estende, portanto, além da atitude e faz morada na natureza humana antes de qualquer ação, e caso esta seja realizada, é imbuída de cuidado, pois é uma maneira de estruturar-se e dar-se a conhecer de maneira concreta. Logo, é próprio constatar que sem cuidado deixa-se de ser humano não sendo possível a existência humana enquanto humana.

Heidegger contribui com o estudo à maneira que caracteriza o cuidado como definição essencial do ser humano, estruturando sua prática, e servindo de fundamento para sua interpretação. Em suas palavras: “tudo que o ser humano empreende, projeta e faz...; cuidado subministra preliminarmente o solo em que se move toda a interpretação do ser humano” (apud BOFF, 2000, p.90).

Dessa maneira, para a compreensão acerca do cuidado como modo de ser é adequado partir de uma abordagem fenomenológica, aqui, compreendida pela maneira a qual uma determinada realidade, no caso o cuidado, se torna um fenômeno em nossa consciência, como se mostra em nossa experiência e orienta nossa prática. A ênfase, para além do estudo do cuidado como independente de nós e como objeto de estudo, é dada, a partir de sua inserção no contexto de forma a refletir como se é vivido, como se é e como se estrutura, fazendo parte da constituição do ser humano.

4.2 EXPERIÊNCIA HUMANA

Referente à expressão modo de ser, se tem a compreensão pela forma individual de se estruturar e se realizar no mundo, ao fundar suas associadas interações que constituem o seu

presente. A expressão envolve também, amplamente, a construção de sua autoconsciência e identidade próprias, decorrentes de cada experiência humana a partir das relações individuais e pessoais de convivência e coexistência. Procedente do processo de construção da realidade, os dois modos de ser básicos no mundo, discorridos pelo autor, são dados pelo trabalho e cuidado.

O modo de ser trabalho se concretiza na interação e intervenção com o meio. Pelo trabalho é possível a construção de seu espaço habitado, adaptando o meio conforme seu desejo e se faz co-piloto do processo evolutivo ao unir natureza e sociedade com suas respectivas organizações sistemáticas. O sentido primitivo de trabalho sobrepuja mais a interação do que a intervenção, tendo em vista sua presença no dinamismo natural também cognoscíveis em uma planta ou animal, uma vez que interagem com o meio a partir de troca de informações e adaptação em vista à sobrevivência.

Ao decorrer da história, a sobreposição da intervenção, no que tange este modo de ser trabalho, desencadeou a alteração de sua natureza, apesar de as dinâmicas dos movimentos terem seus respectivos pontos de partida em diferentes espaço-tempo-conhecimento. Em um dado momento histórico, se converge em conjunto com a emergência do período técnico científico informacional, resultando não apenas na tiranização do real, mas também no processo de desumanização, ou seja, na barbárie, em que o trabalho se evidenciou como processo que viabiliza a modernidade. O sobressalto do modo de ser trabalho, avaliado na convergência da periodização de Milton Santos, da ruptura de Nancy M. Unger e da filosofia realista materialista de Leonardo Boff, implica em aumento de agressividade, objetividade e certo distanciamento da realidade bem como a negação da inerente autonomia das coisas, se colocando na posição central para satisfação de interesses pessoais e coletivos.

O outro modo de ser no mundo se dá na forma do cuidado, o qual não significa a antítese do trabalho, tampouco o anula, mas lhe confere um sentido distinto provindo da relação de não objetificação, coexistência e convivência. O despertar do cuidado requer intimidade e respeito inicial realizado tanto através da consciência de valores intrínsecos (superação da visão utilitarista), significância do *pathos*¹, quanto momentos de resistência e superação diante da dominação e agressividade.

O desafio contido diante da dominação do modo de ser trabalho consiste em combinar o trabalho com cuidado, dado sua complementaridade ao constituir a “integralidade da

¹ Caracterizado por Boff (2000) como a capacidade de possuir sentimentos profundos e pode ser confrontado pelo *logos*, definido pelo espírito, razão e lógica. Simpatia e paciente são exemplos de suas derivações.

experiência humana, por um lado, ligada à materialidade e, por outro, à espiritualidade” (BOFF, 2000, p.97). A ruptura entre trabalho e cuidado progressivamente causou a predominância do primeiro, desencadeando o que o autor denomina como ditadura do modo de ser trabalho como intervenção, produção e dominação, dando abertura ao antropocentrismo e conduzindo a humanidade a um impasse decisivo pela exclusividade deste modo.

O corretivo indicado, é o resgate do outro modo de ser por meio da auto-reflexão de sua natureza e das capacidades humanas ausentes em máquinas. A construção de mundo alicerçado em laços afetivos transforma indivíduos e situações portadoras de valor, gerando preocupação e responsabilidade, isto é, atitude de cuidado.

4.3 O CUIDADO COMO AGENTE ESSENCIAL PARA A VIDA PLANETÁRIA

No horizonte do cuidado como essência humana, sua percepção por meio do diagnóstico da interação de indivíduos, suas instituições e o meio ambiente se dá na medida em que os sintomas da uma crise civilizacional são visivelmente inúmeros, e segundo Boff (2000), indicam uma fase nada sábia e madura. Sendo assim, uma nova convivência da civilização demanda uma perspectiva de urgência e surge de um novo *ethos* como modelação da casa humana, abrangendo todo o lugar comum da humanidade, o planeta.

Este novo *ethos* faz-se necessário diante da busca para novos caminhos, haja vista a insuficiência das ações já previstas, que evidenciam certa superficialidade, provinda da natureza humana a qual tendencialmente ganhará forma em morais concretas consoante às várias tradições culturais e espirituais. As indicações para o caminho certo residem em vários sujeitos com visões enriquecidas, os quais ensaiam práticas significativas e qualitativas segundo suas respectivas forças e poderes, dentro da organização como civilização.

A ditadura do modo de ser trabalho transformou este genuíno modo de ser para uma postura de ser no mundo enquanto civilização, que pode apresentar uma relação com o meio biodiverso e suas dinâmicas, submetidas a princípios de produção e dominação, preliminar para a reprodução e ameaça da barbárie ambiental. O período técnico científico informacional e a noção de biodiversidade expandiu esses impactos em escalas mais abrangentes. Dessa forma, a presente agressividade nas ações bárbaras, nesse contexto, denunciam a necessidade de conhecer cada particular meio, junto com suas respectivas características, a fim de fundar uma relação pautada no reconhecimento para com qual a relação se dá. Por consequente, pode desencadear a importância inicial, ou seja, a postura cuidadosa necessária.

Mais adiante, o predomínio do modo ser trabalho-poder se mostra muitas vezes detentor de caráter destrutivo. Um meio para sua superação se dá por via do resgate essencial humanitário e com enfoque na complementaridade da experiência humana, de ambos modos de ser. Ao mesmo tempo que não devemos necessariamente deixar de interagir e intervir na biodiversidade por meio de fenômenos técnicos, mas certamente se buscaria concretizar tal interação que tenha em vista propósitos e fins objetivos e subjetivos em prol da humanidade. A viabilidade para a realização da postura de cuidado ambiental pela via de experiências presenciadas e vividas se dá pela troca de informações e principalmente no reconhecimento da autonomia do espaço e da posição da humanidade nesse contexto. Porém, a demonstração do cuidado ambiental pode demandar, conforme o caso específico, momentos de resistência e superação da agressividade. Inicialmente por essa mesma via, o cuidado pode ser seguido de práticas políticas para sua efetivação no contexto civilizatório o qual estamos inseridos considerando as forças e poderes a ele inerentes.

A partir da equivalência do modo de ser cuidado e do modo de ser trabalho, as dimensões epistemológicas em conjunto com a questão em potencial como causadoras da barbárie no contexto ambiental, por si só se anularão, pois a referência concedida ao cuidado demanda também a re-conexão com a subjetividade humana e recusa a todo tipo de despotismo, racionalidade fria e dominação.

A insuficiência do cuidado para com a biodiversidade no contexto contemporâneo está explícita nas formas em que esse fenômeno repercute no meio como emancipação, ou deixa de repercutir em forma de barbárie. A apresentação de suas ressonâncias norteará a identidade contida na relação entre indivíduos e sociedade com o meio, ao mesmo modo que conduzirá a um reconhecimento da carência do mesmo ao tratar da crise ambiental.

As traduções e concretizações do cuidado, através da experiência humana, selecionadas por Boff e brevemente enunciadas abaixo repercutem através do: amor como fenômeno biológico, justa medida, ternura, carícia, cordialidade, convivialidade e compaixão, as demais podem estar presentes implicitamente. Ao longo da apresentação dessas ressonâncias, se tornará coerente compreender os vínculos que apontam a escassez de cuidado ambiental com o processo de desumanização, por consequente a barbarização nesse contexto e o resgate desse modo de ser a fim da equivalência e humanização.

O desgaste linguístico que sobrepuja a palavra amor exige a abordagem deste primeiro tema sob a perspectiva de Humberto Maturana (apud BOFF, 2000, p.110) que o contempla como fenômeno biológico. Segundo sua perspectiva, introdução do amor no universo pode ser observada, inicialmente, pela verificação de dois tipos de acoplamentos dos seres com seu

meio: o primeiro faz-se necessário a inter-conexão uns aos outros e respectivos ecossistemas para garantia de sobrevivência; e o segundo, de modo espontâneo, a interação sem fundamentos na sobrevivência apenas no prazer e reciprocidade entre seres vivos e sistemas orgânicos, sem justificativa. A este segundo se determina o surgimento do amor como fenômeno biológico. Logo, a convivência é fundamentada no amor, logo a degradação do ambiente é iminente em caso de falta dessa fundação (amor), e sua realização percebida através de violência e dominação.

Concordante a Adorno (apud. FRANÇA, 2011b) e ao “véu tecnológico”, a consciência coisificada ou pessoas portadoras de caráter manipulador revela a ditadura do modo de ser trabalho e mantém excessivas até irracionais relações com a técnica, o que pode repercutir como sua manifestação contrária à autopreservação e dignidade da humanidade. Nessa dimensão, é analisado esse tipo de personalidade capaz de legitimar a fetichização da técnica, a qual é regida por forças heterônomas, como alguém que nega a capacidade de amar. À vista disso, a atitude de indivíduos caracterizados desta forma carece de postura de cuidado ambiental, haja vista que “o caráter manipulador catalisa a semeadura da barbárie” (FRANÇA, 2011b, p.7) devido às suas repercussões que não priorizam a emancipação da vida.

A justa medida, já previamente relatada no concílio entre os modos de ser, trata da busca, especialmente no campo ético, do equilíbrio perdido. É necessária por causa de sua dualidade: de um lado sentida negativamente como limite a ser ultrapassado, a violação do proibido, e, por outro, positivamente usada de forma moderada tendo em consideração a duração e reprodução de potencialidades naturais e sociais. Os questionamentos tangentes ao tema naturalmente surgem (qual seria a justa medida, quem a estabelece, como é estabelecida, se esta não seria variável segundo respectivos contextos, como é mediada), no entanto, a articulação “de inter-retro-relações e de redes de inclusão” (BOFF, 2000, p.113) gera uma sustentação para abrangência da complexidade (nega-se a monocausalidade, linearidade e simplificação) com foco em soluções integradoras.

A relação da justa medida e a natureza se assemelham à lógica natural dinâmica, flutuante e a qual possui constâncias e variações exigindo que a busca seja contínua e sujeita à mudança. A natureza compreendida como um todo complexo e vasto, carece de definições literais certas, porém, é cabível identificar as diversas interpretações existentes em função dos discursos culturais, e aderir uma medida ligada ao todo orgânico e vivo, não linear, expansivo e probabilístico, centrada em seu equilíbrio dinâmico. As tomadas de decisões resultantes evidenciam a ética do indivíduo e requisita, além do saber teórico e conceitual,

certa postura de escuta atenta, identificação e sensibilidade para com a natureza e para orientação da execução de sua liberdade com escolhas sábias, se estabelecendo a justa medida.

A ternura vital ultrapassa conhecimentos racionais, residindo no cuidado não obsessivo, o qual primeiro exige envolvimento e dedicação à causa. Este cuidado essencial vem à tona devido à co-existência e con-vivência com as realidades imediatas, e o desfoque somente de si, sendo livre de dominação e interesses vantajosos. Blaise Pascal (apud BOFF, 2000, p.119) incorporou os termos *esprit de finesse* e o *esprit de géometrie* aqui utilizados para maior entendimento. O primeiro literalmente é o espírito de finura, cuidado e ternura. Somado aos pensamentos racionais, lhe é acrescentado sensibilidade e intuição; onde nascem grandes significações. O segundo espírito, *esprit de géometrie*, é calculatório e põe em dúvida o afeto e cuidado, imperativo na modernidade, fundamenta-se em experiências rasas, acúmulo de saber e pouca sabedoria.

A outra repercussão do cuidado é através da carícia essencial. Tal essencialidade confere repouso, integração e confiança a qual deriva de sentimentos de altruísmo, respeito e intenções puras e opõe-se à violência e invasão de intimidade.

Ao se tratar de cordialidade ressonante do cuidado, a direção que se aponta é o espírito de finura com o uso do coração, sendo os fatos capazes de produzir e discernir significações com dimensão de valores e pesos. Juntamente com a cordialidade fundamental, a justa medida, ternura vital, carícia essencial são qualidades existenciais que caracterizam a humanidade do ser humano.

A convivialidade, assim intitulada por Ivan Illich (apud BOFF, 2000, p.123), foi colocada em seu trabalho como resposta à crise do processo industrialista e à crise ecológica. Do processo industrial se configurou uma nova forma de desumanização, e cabe à convivialidade o concílio das dimensões de produção e cuidado, em outras palavras, “visa combinar o valor técnico da produção material com o valor ético da produção social e espiritual” (BOFF, 2000, p.124), poupando o indivíduo somente de sua força de trabalho, muscular ou intelectual em contraposição de seus outros valores humanos, qualidades como criatividade e cooperação. Em resposta à crise ecológica, os rumos se divergem entre transformar-se em catástrofe de grande calamidade ou definir uma produção de uso convivial dos instrumentos tecnológicos, especialmente como meios, não fins, a fim da vigência de uma civilização mais propícia à vida.

Em outras palavras, aplicado ao cuidado ambiental, a convivialidade se daria no plano de equivalência, na justa medida, entre os modos de ser, ao intervir e interagir com a natureza.

No contexto dos sistemas produtivos, cabe a análise da relação entre as instituições e a biodiversidade, o que leva ao debate entre os valores produtivos e materiais, com a posição dos valores e limites da interação humana.

A última, mas não menos importante irradiação do cuidado, a compaixão radical é desde os primórdios reverenciada por diversas filosofias como o budismo, hinduísmo, Tao e eixo abraâmico (judeu, cristão e muçulmano). Essa dimensão do cuidado reflete a capacidade humana de compartilhar a paixão do outro e com o outro a qual se dá pela renúncia de dominação e de violência, fazendo valer a misericórdia e amorosidade.

Essas dimensões de cuidado tem a possibilidade de repercutirem como cuidado ambiental desde a escala global, percorrendo pelo nível local, inter-pessoal até o individual. Logo, é possível verificar o quanto de cuidado como agente essencial para a vida planetária se realizou em uma sociedade ao avaliar a melhoria de qualidade de vida humana enquanto humana, e em particular ao ambiente, na avaliação das condições da biodiversidade.

Na escala planetária, os esforços reunidos por organizações internacionais e instituições evidenciam uma proposta e até uma intencionalidade de cuidado ambiental, os quais se caracterizam como investimentos em pesquisas, políticas e incentivos em nível nacional, regional e local. À biodiversidade, pode ser ponderada além do investimento no desenvolvimento de projetos e pesquisas, o estabelecimento de áreas prioritárias para conservação, bem como a análise de seu estado em cada local, em nível quantitativo e qualitativo. Como exemplo se tem o cuidado com a biodiversidade aquática e terrestre que assume relevância social na forma de indicadores de saúde, bioprospecção, esforços em conservação, restauração de ecossistemas, controle de invasoras, entre outras prioridades.

No entanto, cabe a ressalva de que há a possibilidade em que o cuidado se mostra patológico. Duas lições podem ser assimiladas das patologias do cuidado devido à configuração de ambiguidade estrutural a qual situa o ser humano, de tal forma que desenvolva uma autocompaixão que compartilha dois extremos. A primeira diz respeito da obsessão pelo perfeccionismo e a resignação, a segunda aborda o cuidado como busca permanente em suas formas alternativas e aperfeiçoadas, assim como o processo de autonomia e humanização, deve ser contínuo devido à configuração civilizatória na qual nos encontramos.

As consequências advindas da negação do cuidado essencial é a total entrega à lógica do modo de ser do trabalho predador, caracterizado pelo embrutecimento das relações e pela desumanização. No entanto, o cuidado quando se manifesta com excesso se caracteriza como obsessão e causa o que foi chamado de “perfeccionismo imobilizador” o qual promove a

perda de oportunidades de mercado e de crescimento. Portanto, o caminho da justa medida faz jus ao explicitar que o cuidado não convive nem com o excesso nem com a carência, e que a biodiversidade no contexto de nossa organização civilizatória deve buscar um caminho onde a respeite tanto quanto a vida humana quanto a não humana, que por fim dependem da qualidade dos componentes ambientais que envolvem a vida.

5 A GESTÃO AMBIENTAL ENQUANTO CURRÍCULO ACADÊMICO

A gestão ambiental enquanto currículo acadêmico se estrutura nas questões socioambientais da atualidade, sequenciados primeiramente na construção do conhecimento e compreensão dessas questões, a fim de promover futuras proposições, com maior aprofundamento técnico e científico dentro de uma perspectiva interdisciplinar, que promovam propostas e ações ambientais que privilegiem a vida.

O curso de bacharelado a que se refere esse trabalho é relativamente recente quando comparado com tradicionais áreas de conhecimentos, e desta constatação podemos configurar o surgimento de uma área que trata da complexidade da realidade diante do contexto da visível degradação ambiental e da existência de conflitos socioambientais.

O início da série de fundamentos teóricos e práticos buscou introduzir conhecimentos através da percepção no que tange a crise ambiental e o contexto de intensa degradação, onde por meio do reconhecimento das potencialidades paisagísticas brasileiras, e suas respectivas características morfoclimáticas e fitogeográficas (AB'SABER, 1997), assim como suas principais ameaças, estados de conservação e iniciativas visando um concílio harmônico, se construiu um rico arcabouço teórico, acerca da realidade brasileira no que tange o contexto ambiental. Além destes domínios terrestres, o destaque especial é para a proteção do mar brasileiro, o qual carece de atenção e proteção legal, considerando a localização desse curso em região litorânea.

O enfoque das análises para o contexto local foi primordial para conduzir o diagnóstico de um perfil socioambiental, através do reconhecimento da cultura caiçara constituinte, nos povos e comunidades originárias dessa região (DIEGUES, 2015). Essa construção foi enriquecida por meio de diários de leitura e de relatórios de campo, e que, apesar das adaptações e transformações culturais, a expressão da memória pode viabilizar a autoidentidade e o próprio reconhecimento. Esse reconhecimento se dar por via da cognição da paisagem, a qual engloba a junção de aspectos fisiográficos, dados socioambientais, políticos, econômicos e históricos. Por fim, o conjunto desses perfis socioambientais

evidenciou semelhanças ao se tratar de conflitos socioambientais na contemporaneidade na qual suas convergências se constituem como parte do contexto brasileiro e se configuram como competências da gestão ambiental.

Os alicerces requeridos para a etapa de apresentação de ideias, edificação de argumentos e elaboração de propostas formam um amplo leque de variáveis. As práticas de gestão ambiental desenvolvidas na graduação envolveram desde a percepção e interpretação de fatores ecológicos, experimentados com base em estudos de caso, até a relação dos processos ambientais com os processos químicos do ambiente, dos micro-organismos e com os ciclos dos elementos, do mesmo modo que promoveram uma necessária abordagem geográfica da paisagem, assim como ter em vista outras de suas unidades formadoras (METZGER, 2001) que particularizam cada local.

O mérito, na formação dos graduandos, a respeito da noção de cultura e alteridade, tratou de forma interpretativa o contexto ambiental como uma teia de significados (GEERTZ, 1989), bem como a inserção majoritária em uma cultura urbana industrial correlata ao sistema econômico neoclássico (CAVALCANTI, 2010), portanto, esta condição pode vir a repercutir como privações de liberdade (SEN, 2018) e originar paradigmas ambientais, diante das externalidades deste sistema e à essa condição remeter à busca de caminhos alternativos. A organização social, que configura a civilização na qual estamos inseridos, reflete a existência de fenômenos sociais e culturais, suas inter-relações com a questão ambiental, e respectivas potencialidades, idealizadas com o aporte da análise ambiental do turismo, dada à especificidade da atividade no litoral do Paraná.

Durante o curso tanto quanto conhecimentos conceituais, é importante destacar a ênfase dada às políticas ambientais brasileiras, com destaque para a ação do estado na relação da sociedade civil com a natureza (bens comuns) (MATTEI, 2011c), por via das regulamentações (agentes reguladores: estado, atores privados e/ou não governamentais), pela governança destas, sua implementação e seus instrumentos consideranque até que ponto essas de fatos são eficazes, efetivas e eficientes na situação ideal possível estabelecida. Como situação ideal estabelecida, entende-se o relacionamento com os vínculos da saúde humana ao que se refere ao estado com o meio ambiente, principalmente e de modo geral, através de indicadores de saúde (determinantes socioambientais) e da toxicologia, os quais podem ser utilizados em prol da constatação da condição de um ambiente.

De mais a mais, o conceito de saúde percorreu um longo trajeto desde a história conhecida, e se mostra também como um tema que está presente na Constituição de 1988, o que ressalta a abrangência da diversidade biológica e cultural.

As atividades formativas desenvolveram também a introdução requintada sobre geoprocessamento e o sistema de informações geográficas como agentes favorecem o estudo de processos espaciais em um território. E, a fim de especializar o tema da atuação como profissional, foram vistos importantes fatores da organização da sociedade num dado território, considerando as contribuições epistemológicas e diferentes saberes que enriquecem o debate socioambiental contemporâneo.

A implicação de instrumentos da gestão ambiental nas esferas públicas e privadas, por fim, manifesta a elaboração de ações ambientais, envolvidas com as temáticas acima, ainda que, aqui brevemente discorridas.

Na perspectiva de emancipação e barbárie, a formação acadêmica enriqueceu o debate consonante a seu foco regional, porém manteve em vista as relações com a conjuntura global, por meio de uma transdisciplinariedade obtida pela interação das diferentes áreas do conhecimento ao longo da formação.

De modo geral, cada módulo contribuiu à sua maneira para o processo de formação em Bacharelado em Gestão Ambiental e ampliou o horizonte de percepção da realidade e a necessidade de esta ser íntegra em suas dimensões, e ao se tratar da relação estabelecida entre ser humano, sociedade e natureza, na prevenção, na mitigação, na compensação ou nas potencialidades, assim como na transferência da responsabilidade a quem lhe é atribuída frente aos impactos ambientais e conflitos socioambientais.

De forma específica, o curso estimulou o interesse pessoal para a contribuição na área de conhecimento em questão a fim de coadjuvar para um cenário que favoreça a emancipação da vida e confronte a barbárie ambiental.

6 DILEMA AMBIENTAL PERMEADO POR CIVILIZAÇÃO E BARBÁRIE: PERSPECTIVA DA GESTAÇÃO AMBIENTAL

A humanidade ofuscada pela civilização pautada na competição e na acumulação individual (KEIM, 2011b) pode ser revitalizada por meio do modo de ser cuidado. Compreende-se que a barbárie ambiental pode se manifestar pelo caráter manipulador, quando há um momento autoritário, por meio dos sistemas técnicos impostos pelas organizações sociais e de produção que evidenciam violência e descuido com a biodiversidade. Em contraposição, já se tem comprovação de que há inúmeros métodos e sistemas tecnológicos menos ou totalmente não agressivos na interação com o meio, da mesma forma, que a elaboração da “cultura técnica” (SANTOS, 2005, p.704) e das tecnologias sociais

poderiam atender a esse viés. Esse processo se configura como contraponto à contínua perpetuação dessa agressividade e degradação para com o meio, caracterizando como algo que se mostra mais abrangente do que apenas denunciar nossa crise de adolescência e a situação não emancipada como sociedade, e sim convoca para o ativismo da luta permanente a favor de seu filho.

A predominância modo de ser de trabalho-poder, descrito há pouco, pode ser considerado influente e catalisador da barbárie, principalmente no que tange a dinâmica ambiental. Portanto, um dos requisitos estimados para a realização de ações pautadas no cuidado sobre a biodiversidade, com a finalidade de promover a superação da barbárie ambiental, seria o reconhecimento da responsabilidade que os indivíduos e as organizações sociais tenham com seu ínsito meio, ou seja, tenham acesso à informação e à experiências sensoriais. Essa condição referencia e estimula interações e intervenções que não compactuem com a indiferença e agressividade para com dinâmicas ambientais locais bem como atitudes rudes de dominação e interesses particularizados.

O modo de ser cuidado também como a humanização, além de pré requisitar respeito e intimidade inicial, conduz, ao decorrer do processo de construção da realidade, à construção de identidade e de autoconsciência, juntamente com momentos de resistência para a superação da agressividade.

O cuidado ambiental no contexto da gestão ambiental evidencia a humanização de forma que não viola a liberdade de existir do meio biodiverso, respeitando suas próprias relações e suas características primitivas tendo como fim a equivalência de ambos modos de ser. O modo de ser trabalho (interação e intervenção) com fins humanos, em conformidade com a noção de humanidade a qual discorreremos, pode resultar em proposições concretas de diferentes setores da profissão de gestão ambiental, como autoridade em esclarecimento. A particular inserção no meio ligado a certos princípios de rudeza, demanda um processo de construção de amizade e cuidado que se caracteriza como atitude de emancipação de natureza ativa, atenta, constante e de adequação segundo seu respectivo contexto, bem como respeito às divergências, às forças opostas e sem se mostrar ingênuo.

O momento de autoridade frente a prática de gestão, determinante no processo de emancipação e de desbarbarização, coloca o profissional na incumbência de construir uma relação consciente, não pautada na violência e com momentos de transparência, o que requer, sem mais nem menos, a constante busca de fazer ecoar o modo de ser cuidado, seja em algumas ou todas as sete (ou mais) maneiras descritas e tendo com como ponto norteador a

questão da biodiversidade intermediada pela tecnologia frente à dignidade humana e valorização da vida.

O processo da desbarbarização no âmbito ambiental se concretiza ao agir diferentemente tendo em vista aspectos da biodiversidade e logo se apresenta como mudança de consciência e o processo contrário também é válido. Essas ações a fim de se obter resultados otimistas, pode ter como direção as prioridades, assim como, na questão da civilização, o cuidado deve se dar entre grupos mais desfavorecidos e excluídos. As prioridades do cuidado aplicado à biodiversidade se demonstram como perspectivas estratégicas, ao partir de questões ainda pouco esclarecidas, potencializadoras ou que se mostram mais críticas.

Dentre as reconhecidas figuras exemplares do cuidado descritas pelo autor como Jesus, Francisco de Assis, Madre Tereza de Calcutá, Irmão Antônio, Mahatma Gandhi, Olenka e Tânia, o profeta Gentileza e o Feng Shui, destacamos o cuidado de nossas mães e vós, que nas honoráveis e intranscritíveis palavras de Leonardo Boff:

Ser mãe é mais que uma função; é um modo de ser que engloba todas as dimensões da mulher-mãe, seu corpo, sua psique e seu espírito. Com seu cuidado e carinho a mãe continua a gerar os filhos e filhas durante toda a vida. (...) Nos momentos de perigo são invocadas como referência de confiança e de salvação. É através das mães que cada um aprende a ser mãe de si mesmo, na medida em que aprende a aceitar-se, a perdoar as próprias fraquezas e a alimentar o sonho de um grande Útero acolhedor de todos (BOFF, 2000, p.167)

Essa referência nos leva a origem da palavra gestão ao vocábulo latino *gestare* que se refere à gestação (KEIM, 2019b). Desta forma, fazemos uma metáfora de gestão como gestação dando sentido às palavras de Boff e consideramos o processo análogo de gestação como um chamado humanitário onde todos os indivíduos possuem a condição fértil, inerente à experiência humana, a guiar sua própria emancipação e autonomia. A fertilidade humana se aguçou no decorrer do aprofundamento de estudos e a ressurgência da relevância da temática ambiental com criticidade durante a história da civilização junto com todas suas subjetividades.

Com esta argumentação, apesar de haver negação ou não reconhecimento, o gestor deve se configurar como agente grávido do meio ambiente, uma vez estabelecida a responsabilidade de conviver com ele de forma equivalente para ambos.

Sem sombras de dúvidas, consoante à fala de Boff, a invocação de nós humanos neste momento de crise ambiental se deu em base a esta referência que temos com o meio. Desse

modo, poderíamos acrescentar outra figura exemplar de cuidado a qual seria o gestor ambiental, com vista a convivência gestativa dos componentes e integrantes ambientais.

Na dimensão política de Keim (2019a), todas as ações humanas, movidas por forças, poderes, reconhecimento e representações são políticas. Logo, as atribuições em específico como gestora ambiental a favor da emancipação da vida, se configuram na consciência individual, no debate coletivo e na responsabilização decorrentes das ações. Atentamos para o uso do termo da função ou papel do gestor ambiental, uma vez que este conceito derivado do teatro, prolonga a não-identidade dos seres consigo mesmos (ADORNO, 1995).

A ideia de governança como “o exercício da autoridade” (GONÇALVES, 2006) e o exercício profissional certamente terá seus fundamentais argumentos em vista ao direito ambiental. No entanto, nessa dimensão, há de ser considerado que, mesmo diante das políticas públicas ambientais, em prol da dignidade humana e da proteção ambiental, ainda é evidente certa incoerência entre a teoria e a prática. A relação entre noções de punição e de justiça se divergem na notória diferença de a primeira se basear no direito, correlato à dimensão de moral, e o segundo na justiça, que resgata a noção ética. Resgata ainda, perspectivas que certas posições como as políticas, processos, conhecimentos e instituições são mais acessíveis para se alcançar almejadas mudanças quando comparadas com normas e valores culturais, sociais e políticos. Porém, ambas as perspectivas possuem influente equivalência durante o processo de gestação ambiental.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W.. **Educação e Emancipação**. São Paulo: Editora Paz e Terra Limitada, 1995. Tradução por Wolfgang Leo Maar.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitaria, 2007. 174 p. Tradução de Roberto Raposo. Disponível em: <<https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=571794>>. Acesso em: 07/11/2019.
- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: Ética do humano - compaixão pela Terra**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000. p. 11-199.
- CAVALCANTI, Clóvis. **Concepções da economia ecológica: suas relações com a economia dominante e a economia ambiental**. 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142010000100007>>. Acesso em: 08/11/2019.
- DIEGUES, Antonio Carlos. Territórios e comunidades tradicionais. In: 1 SIMPÓSIO BRASILEIRO DE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL SUSTENTÁVEL (UFPR), 2015, Matinhos. **Desenvolvimento Territorial Sustentável: um diálogo interdisciplinar**. Matinhos: Usp, 2015. p.1-6. Disponível em: <<http://nupaub.fflch.usp.br/textos>>. Acesso em: 18/11/2019.
- FRANÇA, Fabiano Leite. **Emancipação e Barbárie: Perspectivas de uma Concepção Dialética de Educação em Theodor Adorno**. Existência e Arte – Revista Eletrônica do Grupo PET: Ciências Humanas, Estética da Universidade Federal de São João Del-Rei, Universidade Federal de São João del Rei, 2011a, v. 7, n. 4, p. 102-112.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Ltc, 2008. p. 212.
- GONÇALVES, Alcindo. **O conceito de governança**. Anais do XV Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito, Manaus, 2006. Disponível em: <<http://www.conpedi.org.br/manaus/arquivos/Anais/Alcindo%20Goncalves.pdf>>. Acesso em: 8/10/2019.
- KEIM, Ernesto Jacob. **A Questão Ética e o Bem Viver como Resistência Contemporânea ao Colonial**. In Pedagogia da Pachamama/Tayta Inti (Mãe Terra/Pai Sol) como Grito pela Vida. Matinhos PR, UFPR. 2019a. Disponível em <<http://profjacob.com.br>> Power Point. Bloco 4 Apresentação 4.3. Acesso em: 07/11/2019.
- KEIM, Ernesto Jacob. **Educação da Emancipação da Vida (Versus) Educação Ambiental (Versus) Administração de Recursos Naturais**. In Pedagogia da Pachamama/Tayta Inti (Mãe Terra/Pai Sol) como Grito pela Vida. Matinhos PR, UFPR. 2019b. Disponível em <<http://profjacob.com.br>>. Power Point. Bloco 8 Apresentação 8.5. Acesso em: 07/11/2019.
- KEIM, Ernesto Jacob. **Educação da Insurreição**. Jundiaí: Paco Editorial, 2011b.
- KEIM, Ernesto Jacob. **Emancipação Humana Frente à Banalização do Mal**. In Pedagogia da Pachamama/Tayta Inti (Mãe Terra/Pai Sol) como Grito pela Vida. Matinhos PR, UFPR. 2019c. Disponível em <<http://profjacob.com.br>>. Power Point. Bloco 4 Apresentação 4.1. Acesso em: 07/11/2019.
- KEIM, Ernesto Jacob. **Liberdade, Libertação e Saberes Ancestrais e Originários na Educação Anticolonial**. In Pedagogia da Pachamama/Tayta Inti (Mãe Terra/Pai Sol)

como Grito pela Vida. Matinhos PR, UFPR. 2019d. Disponível em <<http://profjacob.com.br>>. Power Point. Bloco 4 Apresentação 4.2. Acesso em: 07/11/2019.

MATTEI, Ugo. **Por uma Constituição baseada nos bens comuns**. Le monde diplomatique Brasil. Ano 5/Número 53. São Paulo: Instituto Pólis, dezembro de 2011c.

METZGER, Jean Paul. **O que é Ecologia de Paisagens?** Biota Neotropica, São Paulo, p.1-9, nov. 2001. Disponível em: <<http://www.biotaneotropica.org.br/v1n12/pt/abstract?thematic-review+BN00701122001>>. Acesso em: 20/10/2019.

ROBIN, Libby. **The rise of the idea of biodiversity: crises, responses and expertise**. Quaderni [Online], 76 | Outono 2011, 1-15, Online desde 01 September 2014. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/quaderni/92>>. Acesso em: 30/04/2019.

SÁBER, Aziz Ab'. Potencialidades Paisagísticas Brasileiras. In: SÁBER, Aziz Ab'. **Os Domínios de Natureza no Brasil: Potencialidades Paisagísticas**. Rio de Janeiro: Ateliê Editorial, 1997. Cap. 1. p. 11-26. Disponível em: <<https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=2285423>>. Acesso em: 05/10/2019.

SANTOS, Milton. **A questão do meio ambiente: desafios para a construção de uma perspectiva transdisciplinar**. Anales de Geografia de la Universidad Complutense: subtítulo da revista, Madri, Volume, n. 15, p. 695-705, dez./2005.

SEN, Amartya. Introdução. In: SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2018. p. 1-20. Traduzido por Laura Teixeira Motta.

UNGER, Nancy Mangabeira. **O encantamento do humano: ecologia e espiritualidade**. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

MEMORIAL DE INTERAÇÕES CULTURAIS E HUMANÍSTICAS

Ao conhecer o projeto político pedagógico da universidade, me senti privilegiada ao meu processo de formação se dar de modo diferenciado quando comparado com o tradicional. As interações culturais e humanísticas (ICH) são atividades que tem a abertura para propostas pelos membros acadêmicos, participação livre e reúne estudantes de outros cursos com afinidade ao tema escolhido. A escolha de participação em temas variados possibilitou a dedicação para temas, que não são abordados no currículo dos fundamentos teóricos e práticos do curso, porém que tem seus valores no processo de formação individual, ao ampliar as redes e interações. Por fim, considero gratificante e de grande riqueza no processo de aprendizagem como indivíduo e futura gestora ambiental. Abaixo, segue as ICHs realizadas ao longo dos quatro anos de curso:

- Permacultura
- Educação da Pachamama e Tata Inti: uma proposta além da educação ambiental
- Estudo de ferramentas para expansão da consciência
- Agroecologia e prosa
- Futsal feminino
- Prática Musical em Coletivo
- Entalhe na madeira

MEMORIAL DE PROJETO DE APRENDIZAGEM

Da mesma forma que as ICHs, o Projeto de Aprendizagem (PA) constituiu um espaço significativo no processo de diálogo e troca.

O início da trajetória acerca do PA se deu em espaços coletivos, com orientação de professores que buscaram introduzir conhecimentos teóricos para posteriormente desenvolver a inteligibilidade para elaboração e realização de projetos. Dentre os conhecimentos teóricos básicos, a estruturação de uma pesquisa e seus principais procedimentos.

A reaplicação dos conhecimentos em temas de interesse próprio constituiu a preliminar postura dos procedimentos investigativos e da investigadora. Desse modo, pude experimentar a passagem por diferentes temas desde o foco no mapeamento de árvores frutíferas, na filosofia do bem viver, até chegar a esse que, naturalmente, compôs o tema do meu trabalho de conclusão de curso e foi moldado durante o processo de orientação e certamente por meio das experiências pessoais e acadêmicas durante os anos de graduação e dos temas de projetos anteriores.